

# o futuro

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provinces: — Por anno 1\$500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs

Assigna-se e vende-se em casa do sr. Joaquim José Vieira da Rocha, na rua do Souto n.º 41.

Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, rua do Souto n.º 41.

Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

2.º ANNO

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS

NUMERO 333



PRUDENCIA E CONSTANCIA

É hoje dia de grande gala, nos arraiaes da legitimidade; porque faz 41 annos d'idade a illustre e egregia Viuva do Rei Martyr.

Era a Senhora D. Adelaide Sophia uma gentil princeza, nascida nas margens do Meno, de uma das mais antigas, e nobilissimas Familias da Germania.

E mais ainda, que tudo isso, era um complexo de virtudes, formosa e meiga, como Deus a predestinara, para adoçar os dias de tribulação do Monarcha expatriado, por ser o ultimo Rei cavalleiro, d'esta nossa boa terra de Portugal.

Do solio avito, a que fôra elevado pelas Leis patrias, e pela voz quasi unanime dos Portuguezes, fôra arrancado pela força invencível de tres poderosas nações, que, com os disculos d'esta nossa terra, formaram a quadrupla alliança de atra memoria.

Se não fosse esse pacto iniquo, que fez pisar o nosso territorio, pelo exercito hispanhol de Rodil, e aferrar o porto de Lisboa, pela armada ingleza de Parker, não iria o Desejado da Nação morrer em terra estranha.

E se ali soffreu sempre entranháveis saudades da patria, a quem não podia prestar aquellos officios, de que se sentia capaz, tinha, ao menos, a consolação de saber, que os Portuguezes sempre o amavam, do que lhe davam provas, não equivocadas, e nunca desmentidas.

Viveu ainda bastante, para ver cumprir a justiça de Deus, neste mundo.

O ex-imperador do Brazil, ralado de desgostos, e insultos dos seus, a quem serviu de centro, nos momentos de perigo, foi empurrado ao sepulchro, quatro mezes depois da Convenção d'Evora Monte.

Viu tambem baixar á terra, na flor da idade, a augusta filha do Defensor perpetuo do Brazil, a rainha constitucional de Portugal, em nome de quem assignara seu pae o tratado da quadrupla alliança.

Christina Munhoz, depois das terríveis affrontas da Granja, foi arrojada para fora d'Hispanha, pelo povo hispanhol, preludian-

do a expulsão de sua filha, e dynastia, por aquellos mesmos, a quem servira d'instrumento.

Luiz Philippe d'Orleans, depois de ver morrer seu filho primogenito, cuspiu por um carro, no meio d'uma calçada, sem dar mais falla, foi expulso do throno, que usurpara, pelos francezes, e a sua dynastia foi proscripta para sempre!

E a rainha d'Inglaterra viu morrer seu marido, por engano, e errastar uma vida de amarguras sem que já tivesse lagrimas, para agora derramar, quando seu filho herdeiro esteve á beira do sepulchro.

E, na sua propria presença, grande numero de seus subditos indica já o nome do futuro presidente da republica, que oppoem á sua monarchia.

E se o Rei mais popular, que Portugal tem tido, viu, no exilio, passar a justiça de Deus, nem por isso se regozijou com ella, antes lamentou a sorte dos seus inimigos gratuitos; e orou pelo eterno descanso dos que falleceram.

Em compensação do seu bom coração, e das penas constantes, que soffreu desde que, na idade de seis annos, acompanhou seus augustos Pais, quando retiraram para as terras de Santa Cruz, concedeu-lhe Deus um Anjo de bondade e doçura, que lhe suavizou as agruras do exilio, e o fez pae de sete anjos.

Esta bondosa e magnanima Senhora, que sustentou, com a maior dignidade, a posição de consorte d'um Rei destronado pela revolução, sem enxugar as lagrimas da viuvez, continuou a dedicar-se á memoria de seu digno Esposo, educando-lhe seus tenros Filhos.

Pôde gloriar-se, como nós nos gloriamos tambem, de que nephuns principes no mundo, apesar dos meios, de que possam dispor, teem uma educação mais completa, do que os Augustos Filhos do Rei, a quem Portugal ainda ama com viva saudade.

Temos passado cuidadosos, pelos soffrimentos da Augusta Rainha Viuva, e esperamos que Deus, a guarde para nós, e para seus jovens Filhos.

Nós e todos os legitimistas, de quem somos um dos órgãos, oramos a Deus pelos preciosos dias de tão inclyta Princeza, e d'aqui lhe beijamos a Real Mão, bem como a Seu Augusto Filho o esperancoso Senhor D. Miguel, e a suas Augustas Irmãs.

E tambem felicitamos toda a Real Familia, por um dia tão auspicioso; e pedimos a Deus, que seja o ultimo passado, no exilio, e tão longe das terras amenas de Portugal.

o espelho do futuro é o passado.

Que o futuro ha-de pertencer á mocidade, quem haahi que o ponha em duvida?

Estamos certos que ninguem.

Ha sómente dois meios de chegar ao futuro: ou rompendo de todo com o passado: ou tomando o passado como espelho do futuro.

Rompendo de todo com o passado, é a escola liberal que o ensina; e podem limpar a mão á parede os que professam esta doutrina.

E senão veja-se o que os liberaes fizeram em 1834, logo que a quadrupla alliança aqui os implantou entre nós?

Romperam com a S. Sé de Roma, mandando pôr fóra de Portugal o Nuncio, e puzeram os bispos fóra das suas dioceses.

E o passado de Portugal não offerencia d'estes exemplos.

E não só isso, senão ainda, que nomearam bispo do Porto, o frade graciano Santa Ignez, estando vivo o bispo D. João de Magalhães e Avellar, só com a differença que o nomeado estava dentro do Porto, e o bispo, achava-se dentro do bispo, porém fóra das linhas do Porto.

Não houve d'isto no passado.

Nomearam bispo de Lamego o lente da Universidade Dr. Soares, ainda em vida do bispo D. José d'Assumpção que viveu e morreu escondido em Lisboa, para escapar á perseguição do governo, despedindo-se o dr. Soares, logo que lhe constou que havia bispo legitimo.

Não houve d'isto no passado.

Nomearam governadores para os bispados, excluindo os vigarios nomeados pelos prelados ausentes, em perseguição, aos cabidos, — os padres mais devassos, ou ignorantes, reconhecidos de pedreiros livres, ou que tambem do sambenito faziam gala.

Não houve d'isto no passado.

Houve-os que deram bailes nos paços episcopaes, e alguns que se dirigiam á Sé, em que eram lobos, de fardeta, e clavina debaixo do braço, e que pousando a clavina, e o bonet na sacristia, se revestiam, e iam celebrar o tremendo, e sancto sacrificio.

Não houve d'isto no passado.

Despediram todos os parochos que se achavam collados, e foram substituidos por analphabetos, por frades que só eram conhecidos, como taes, quando traziam o habito; porque para as expedições nocturnas iam á secular, e armados de ponto em bran-

co, e por canalias que entravam nas furlas e chafaricas, para obterem os beneficios.

Não houve d'isto no passado.

Poseram os frades no meio da rua, para lhe roubarem os bens, e por escarneo chamaram-lhe egressos.

Não houve d'isto no passado.

Usurparam aos donatarios o direito, que haviam adquirido pelo padroado, e concentraram tudo no estado.

Não houve d'isto no passado.

Aboliram os dizimos — as commendas — as collegiadas — e até privaram os bispos da escolha dos seus parochos, e reduziram estes á condição de beleguns e agentes electoraes, annexando e desannexando parochias a seu bel prazer.

Não houve d'isto no passado.

Aniquilaram a antiga magistratura, que salvas as excepções dos que trabalhavam, ao som do malhete, em beneficio dos invasores, eram notados pela sua sciencia e probidade; e substituíram-nos por criançolas, pela maior parte habeis em manejar o trabuco, ou os livros de 40 folhas, e por haverem engrossado as fileiras do mestre Adonirham.

Não houve d'isto no passado.

Deitaram á rua os antigos funcionarios, encanecidos no serviço da patria, muitos dos quaes, além da sua sciencia e probidade, haviam devido os seus officios e empregos a muitos serviços de familia, e até mesmo a avultadas quantias, com que os haviam comprado, porque a lei o permittia n'esse tempo, sem que recebessem a minima indemnisação.

Não houve d'isto no passado.

Nem mesmo escaparam os lentes da Universidade, e das outras Corporações scientificas, que deviam as suas honras e talentos a estudos.

Não houve d'isto no passado.

Nem mesmo escaparam os militares, que haviam ganhado as suas dragonas, derramando o seu sangue em defeza da patria contra a invasão franceza; e os officiaes de mar e terra das corporações scientificas, que haviam queimado as pestanas sobre os livros, e haviam posto o peito ás balas, combatendo a pé firme em duras pelejas atacando e defendendo praças, ou batendo-se nos mares encapellados, expostos ás furias dos ventos, e á acção mortifera e insalubre de climas deleterios.

Não houve d'isto no passado, nem mesmo no tempo dos Philippes de Castilla.

Transformaram os costumes serios e honestos de nossos paes, inoculando-lhes a

peçonha da peor qualidade, do que lá por fóra encontraram.

Não houve d'isto no passado.

Envenenaram a instrucção publica a ponto de que muita mocidade tem sido corrompida sómente de respirar o ar melfítico que se respira nas suas escolas.

Não houve d'isto no passado.

Nos theatros tem empregado todos os meios ao seu alcance, para desmoralisar e descatholisar a nossa mocidade, e ainda mesmo muitos já maduros para romper de todo com o passado.

São tão malevolos e tão insanos, que querem antes perder as colonias, immensas que ainda temos, do que admitir os frades, unico elemento civilizador, e conservador, que temos ainda, e de que nos estamos dando exemplo as nações protestantes.

Emfim guerrear as freiras, a quem a mesma, Carta concede o direito d'associação; e não só a Carta, senão ainda os principios de liberdade absoluta, que estão acima dos proprios pseudo-liberaes.

E ao mesmo tempo corrompem a mulher, e a recrutam para o prostíbulo, dan-lhe um regulamento, subtraem-na á auctoridade paterna, e tributam a sua propria miseria e deshonra.

Infames, sem vergonha que nada d'isto encontram no passado da patria.

Esta é a escola luminosa de seus principios que tem produzido a desgraça de Portugal durante 38 annos.

E por onde nos conduz á Internacional, e por ella á communa, que nos ha-de trazer a negação de Deus, da familia, e da propriedade.

Vamos agora ver outro meio de chegar ao futuro, que consiste em tomar o passado em primeiro logar deve persuadir-se á juventude, que por mais que faça, os que os precederam, na carreira d'este mundo, já fizeram muito mais; e que nós os portuguezes temos um passado mais glorioso, que nação alguma do mundo.

Fazendo a divisão da sociedade em clero, nobreza, e povo, como se fez sempre em Portugal, enquanto não chegaram entre nós os que quizeram romper com o passado.

Temos uma longa serie d'eclesiasticos, que podem servir de modelos áquelles, que se destinam á carreira da Igreja, e a todos nós.

Basta abrir qualquer livro para vermos o nome d'um Fr. Bartholomeu dos Martyres, quer como simples frade dominico,

## FOLHETIM

### O CAPELLÃO DE LA ROVELLA

POR

Giulio Carcano

Tradução de João Azevedo.

(Continuado do n.º 54)

IV

(Conclusão)

Alguns dias tinham decorrido depois que Alexandre, despertado pela voz de seu velho amigo, que lhe tinha aberto um porvir bastante vasto e mais seguro que aquelle que até então tinha seguido e encarado, o pobre velho tinha achado lagrimas, resava, e velava junto ao leito de sua filha. A partir d'este dia, e como se Deus tivesse querido recompensar seu desejo sincero de voltar immediatamente ao bem, viu-se desde este momento reanimar a joven doente, renascer a alegria, a esperanca e a vida.

O mesmo doutor estava maravilhado e promettia de juntar este phenomeno, ás numerosas e curiosas anomalias das doencas nervosas que tinha observado, e dizia que sem estar sujeito ás cécegas litterarias podia publicar sobre um caso tam notavel uma these physico-pathologica, digna de figurar nos annaes da sciencia. Quanto a D. Filipe apreciava d'outra sorte a apparencia das coisas humanas, e adorava intimamente os santos e mysteriosos conselhos da Providencia.

D'ora ávante não se passava um dia que do seu humilde presbyterio situado perto de la Rovella, não viesse ao Bovedere o digno capellão, para se entreter duas horas com seu velho amigo, que se tinha tornado outro.

Ambos tinham reasumido a tranquillidade e moderação de espirito, com as disposições mais firmes e mais energicas, as discussões que tinham entabulado em momentos tam dolorosos e terríveis. E pouco a pouco o coração do padre podia desassombrar-se mais. A intelligencia de Alexandre muito tempo obscurecida principiava a illuminar-se e accellar os sábios conselhos de um homem em quem tinha aprendido a venerar o ministro de Deus.

E bem difficil vencer o coração do homem em idade avançada e arranca-lo á tyrannia do habito, ao imperio do prejuizo de opiniões que teem envelhecido com elle; todavia Alexandre deveu ceder ao encanto soberanamente benefico de uma doutrina que dissipava até a ultima nuvem da duvida e que sabe applicar um remedio a todas as dôres. E' uma grande felicidade, é, em fim uma grande prova da existencia de uma poderosa e unica verdade, que no momento em que o individuo admite e fixa em sua alma um só principio de justiça, a só ideia do dever, todos os segredos da vida humana se descobrem naturalmente a seus olhos; tudo se esclarece e reconduz o homem com uma força irresistivel ao ponto onde aprende o que deve querer e para o termo a que se dirige, isto é a religião.

A humanidade em sua longa e penosa peregrinação, não chega nunca a descansar um só dia; mas a pobre mulher que ora a Deus, que espera a felicidade além da vida, vive feliz no decurso dos annos que Deus lhe traçou e abençoou suas dôres,

porque pôde offerecer-lhe suas lagrimas cheias de crença.

N'esta manhã, Alexandre, segundo o costume que tinha tomado desde que sua filha começara a melhorar, tinha subido ao seu quarto com D. Filipe para lhe fazer companhia; o capellão não deixava escapar occasião para aproveitar uma conversação amigavel em que fazia sempre sobressair alguma grande e util verdade. N'este dia tinha elle trazido os *Pensamentos de Pascal* e abrindo o livro ao acaso principiou a lê aquella passagem sublime que principia por esta frase:

«O ultimo passo da razão é conhecer que ha uma infinidade de coisas a que elle não chega; é fraca logo que não pôde atingir-as. E' preciso saber duvidar onde é preciso, assegurar-se e submeter-se: quem assim não faz não espera a força da razão.»

De repente ouviu-se do lado do jardim um ruido de passos e de vozes. Os dois amigos correram á janella que Clara tinha feito abrir para gozar a belleza do dia, que um brilhante sol alegrava com seus raios.

Um caleche tinha precisamente chegado á porta do jardim e dois desconhecidos tinham apeado, recommendando aos criados, que tinham corrido, de tomar pelas redeas os cavallos, ainda fogaos, algum tanto suados, mas ainda emparelhados á sua elegante carruagem. Alexandre sentiu bater o coração; viu o que seus olhos não esperavam e teve força de se calar. Seu velho amigo comprehendeu-o e levando o dedo á bocca, com uma prudente circumspecção, o retirou da janella.

Mas a joven menina, antes que seu pae e D. Filipe chegassem a ella se endireitou no leito; um ligeiro colorido appareceu n'aquellas pallidas faces, e juntando as mãos

como se orasse ainda, exclamou cheia de alegria:

— E' Alberto! E' meu irmão!...

— Sim, cara filha, disse o capellão; o Senhor quer dar-vos uma nova prova de que não abandona os seus; tenha coragem e pense que nada lhe é impossivel.

— Alberto não está só; ouvi ainda outra voz e outros passos... Sim, sim, não me enganei... pae, meu pae não tenha medo... eu tenho força para sustentar a presença d'aquelle que acompanha Alberto!...

Os dois mancebos não escutando mais que o ardor da affeição entraram na camera. Alberto lançou-se nos braços de seu pae; seu companheiro, incerto, afastou-se tremendo. Ninguem pôde dizer o que n'este momento sentia seu coração, nem elle mesmo poderia exprimi-lo.

Este mancebo não era outro senão Julio. O ligeiro rubor que dois minutos antes assomára ás faces de Clara tinha desaparecido. A pobre menina poisou sobre o coração aquellas mãos desseccadas; porém não desfalleceu.

Não proferiu uma unica palavra; sorriu-se; e com ar melancolico flectava ora seu irmão, ora o seu amigo ambos enternecidos. Alguns instantes depois chegou o doutor, sem que a joven doente percebesse a sua chegada e este assentando-se junto ao leito, tomado-lhe o pulso, ficou surprehendido de vêr que batia com um movimento mais regular que o seu proprio, e por isso, fez uma careta encrespando a testa, desprendendo ao mesmo tempo um benevolo sorriso.

A casa do Bovedere e a aldeia toda exultava de alegria. Julio contára que tendo ficado quasi morto no campo da batalha, combatendo pela patria e pela liberdade da patria quando se dêra o ultimo com-

bate, tinha sido recolhido por uns poucos de lavradores; que depois de ter luctado muitos mezes contra a morte, tinha recobrado suas forças e voltado para paiz estrangeiro.

Durante este tempo, soubera que sua pobre mãe tinha morrido em Italia.

Quanto a elle achando-se sem familia, sem um tecto que o abrigasse, não tivera coragem de dar novas suas a ninguem. Mas o ceo quiz que no fim de certo tempo elle encontrasse seu só e unico amigo, que encontrasse Alberto, no momento em que vinham de dois pontos e em dois navios diferentes e desembarcasses ao mesmo tempo em um porto maritimo de Franca.

Ficaram juntos e por fim, quando o amor do paiz natal foi mais forte que todas as outras paixões voltaram inesperadamente aos braços d'aquelles que os amavam. Poucas semanas depois, Clara pôde levantar-se e a bella menina em uma convalescença gradual recobrou a saude, a alegria e o contentamento.

Um benigno inverno fazia esperar uma primavera sem impaciencia. Essa primavera chegou. O habil negociante de Monza tinha vendido a Alexandre a linda casa do Bovedere por mais de cincoenta por cento sobre o seu valor, cujo preço lhe foi pago em bons escudos espanhols, mas o comprador não achou caro.

Emfim chegaram as festas da Paschoa, e as nupcias de Julio e de Clara foram celebradas na igreja de Agiate, e o bom capellão de la Rovella as abençoou em nome do Senhor.

FIM.

quer como arcebispo de Braga, quer como resignatario da Sé-principal das Hespanhas. Temos o grande padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus, que foi modelo de sciencia, probidade e sanctidade, foi o defensor da liberdade dos indios, que os libereiros d'aquelle tempo queriam escravisar. foi um grande orador sagrado, um grande estadista, que muito concorreu para a independencia de Portugal nos 28 annos, que se seguiram ao de 1640, um grande escriptor, um de nossos primeiros classicos, e até um grande diplomatico. Emfim era un honbron como ouvimos a um erudito hespanhol, apesar de ser hespanhol e por isso prompto a deprimir o que é nosso.

Para alguns é tido como o nosso melhor classico o insigne Fr. Luiz de Souza, que, no seculo se chamou Manoel de Souza Coutinho, e que morando em Almada, quando Filippe 2.º d'Hispanha se apoderou de Portugal, depois da fatal catastrophe de Alcazer-Kibir, lançou fogo ás casas em que morava, para não alojar nellas os castelhanos, e acastelhanados.

O melhor ministro da marinha, que havemos tido, foi Monsenhor Martinho de Mello e Castro, que, no reinado da Senhora D. Maria I.ª, dotou Portugal com uma poderosissima armada, de que deu cabo o 1.º imperador do Brazil, quando se levantou com a antiga colonia contra o seu rei, e pae, e contra a sua patria, e tambem os libereiros seus sequazes.

Em nossos dias, quem ha ali que não conhecesse o D. Prior Mór de Christo D. José Maria da Cunha Grã-Ataide e Mello, Enfermeiro Mór do Hospital Real de S. José, que debellou a cholera morbus em Lisboa, quando a sua primeira invasão, e que não vencia ordenado, como os d'agora antes dependencia, e seu pae mais ainda?

Ficaremos aqui; porque seria um nunca acabar, se quizessemos mencionar, ainda só, os mais distinctos.

Entre a nobreza são tantos, que apenas podemos mencionar os nomes d'Egas Moniz, D. Nuno Alvares Pereira, D. Vasco da Gama, Alfonso d'Albuquerque, D. Francisco d'Almeida, D. João de Castro, D. Luiz d'Ataide, Marquez de Marialva, Marquez das Minas, e em os nossos dias o Conde d'Amarante e o Marquez d'Abraes.

Ainda estão quentes as cinzas do illustre conde da Figueira, cujo esboço biographico, que, com a devida venia, tomamos da «Nação», adiante se verá; cujos feitos gloriosos, e probidade e honra abalada, e inconcussa se acham descriptas por penha primorosa, e das mais bem aparadas da litteratura portugueza.

Em 1804, casou com a nobre e opulenta herdeira Dona Maria José de Mello de Menezes e Silva; assentou praça em cavallaria 4; e foi encartado nas tres rendosas commendas da casa de sua mulher.

Pouco depois, deixava elle isso tudo; e, seguindo o exemplo de fidelidade e abnegação, que, então, deu a nossa nobreza, e a que a posteridade fará, um dia, justiça, seguiu a familia real na sua fatal viagem para o Rio de Janeiro, contra a qual o Marquez, seu pae, votara em conselho, como se adivinhasse que d'ali nos proviriam todas as grandes desgraças, de que nos queixamos, hoje.

A fragata Urania, commandada pelo depois Marquez de Vianna, foi posta á disposição da familia Bellas, e logrou, apesar de continnas tempestades, não se affastar, durante o trajecto, da não almirante, em que ia o rei.

Chegando á America foi feito veador, e collocado ás ordens do Marquez de Angeja, e, depois, do Marquez de Vagos que alli commandaram successivamente as armas. D'ahi a pouco, insurgiu-se Pernambuco. O general Luiz do Rego foi mandado para lá com poderes illimitados, e o conde da Figueira acompanhou-o.

Houve-se com intrepidez em quanto foi necessario reprimir o movimento; mas, quando chegou a hora do castigo, socorreu-se á sua qualidade de official-mór da casa real, e regressou ao Rio de Janeiro. Não lhe soffria o seu natural que, como outros fizeram, tomasse parte em taes condemnações. E' assim o verdadeiro valor!

Outra vez, na corte, serviu de reposteiro-mór no acto da aclamação d'el-rei Dom João VI, cargo, que desempenhou tambem no funeral do mesmo senhor; perdeu sua mulher, pela qual tinha o mais ardente extremo; e, no desgosto da viuvez, accitou com difficuldade, e só por obediencia, o governo do Rio Grande de S. Pedro do Sul no posto de capitão general.

A provincia estava, n'esse tempo em guerra com Buenos Ayres, e invadida pelo famoso caudillo Artigas; e o conde da Figueira depois de haver celebrado uma convenção sobre limites, que muito abona o seu zelo e comprova a sua perspicacia, lutou denodadamente com o exercito aggressor, venceu-o no combate de Missões, e desbaratou-o, a final, na memoravel batalha de Taquerembó, que resolveu a questão, e que, como attestam já insuspeitos historiadores brazileiros, firmou na coroa de Portugal a preciosa joia d'aquelle possessão.

O governo do conde da Figueira dis-

tinguiu-se, não só por estes brilhantes feitos, e pela brandura e equidade, com que attendeu a todos os habitantes, senão pelos maiores rasgos do mais nobre desinteresse.

Vamos citar um d'elles.

Como prova de gratidão pelos serviços de S. Ex.ª, foi-lhe enviado o documento seguinte:

«Don Juan José Duran, Alcalde ordinario de 1.º voto, Governador Intendente Interino de la Provincia Oriental del Rio de la Plata y Brigadier de los Reales Ejercitos de S. M. I., segundo commandante del Cuerpo Cibico de esta Ciudad de Montevideo etc.

«Por quanto em esta fecha tengo cedido á disposicion del Illm.º e Exm.º Sor. Capitan General del departamento del Rio Grande de Sn. Pedro Conde da Figueira dos mil cabezas de ganado bacuno del qt. contienen mis Estancias entre los Arroyos de Moello el muerto y Cordoves. — Por tanto y para que la disposicion tenga su mas puntual cumplimiento; mi encargado en dichas Acienas en aquel destino Dn. Carlos Anaya, disponga inmediatamente que por el Illm.º e Exm.º Sor. Capitan General se le ordene la saca o extraccion del precitado numero de Cabeças de Ganado su mas puntual cumplimiento. Dado en Montev.º á siete de Julio de mil ochocientos diez y nueve.

«Juan José Duran».

A offerta era grandiosa, como se vê; porém o conde não a accitou!

A fama de taes actos, ao passo que lhe atrahia as mais honrosas demonstrações da parte do soberano, tornava o capitão general tão bem querido, quanto respeitado em toda a provincia; de modo que, quando S. Ex.ª obteve com muito custo a sua exoneração, por estar pacificado o paiz, e debellado o perigo futuro, os municipios representaram, instando pertinazmente pela sua reintegração.

Na volta d'el-rei para a metropole, veio o conde da Figueira com a familia real, e casou, em 11 de fevereiro de 1822, com Dona Maria Amalia Machado de Mendonça Eça Castro Vasconcellos Orozco e Ribera, de quem teve successão, e que falleceu em 1863.

No anno seguinte, foi nomeado ajudante da Pessoa do Senhor Dom Miguel, que, então, commandava o exercito de Portugal.

Em 1826, recebeu a carta de par do reino, e fez parte, em 1828, da grande maioria d'elle, que, conscia do direito ao throno, em nellas leis do reino assistia ao Senhor Dom Miguel, se reuniu em casa do Duque de Lafões, para pedir a convocação dos Tres Estados.

Com maximo assombro seu, foi convidado para emigrar com outros, quando se quiz fazer d'esse acto uma arma politica; e accitou, não por sua vontade, a embaixada de Hispanha.

Seguindo para o seu destino, foi de caminho por Inglaterra e França, e abi empregou com o mais delicado tacto, varias diligencias a bem da conciliação, que, infelizmente, abortaram, e das quaes é talvez cedo ainda para se fallar.

Na corte de Madrid, fizeram-lhe um acolhimento de todo o ponto honroso; e a sua missão alli, se contribuiu para a ruina da sua fazenda, porque as despesas eram continuas e o governo não lhe pôde pagar nunca nem sequer os ordenados, deu uma idéa completa do que era este diplomatico.

Por sua mão passavam todas as negociações encetadas, n'essa epocha, com as potencias da Europa, e, se os conselhos, que o conde da Figueira mandava para Lisboa, tivessem sido seguidos pelos ministros do rei, nunca a quadrupla-alliança se houvera constituido. Se esta verdade é amarga, não ha remedio senão dizel-a.

Porém outro serviço de indubitavel valor prestou elle ainda em Hispanha.

Não se ignora a rivalidade, que havia entre as princezas de Napoles e as de Portugal; e como contra estas urdiam aquellas, a cada passo, os mais perigosos ardis.

O embaixador portuguez conseguiu, por muito tempo, pela influencia do seu bom senso e delicada moderação, conjurar o conflito, que tendia a estabelecer-se; e logo que em 1833, foi mandado voltar á patria, em commissão importante, a explosão manifestou-se com todo o seu sequito de calamidades, e a Hispanha caiu nas garras do poder revolucionario.

A catastrophe temerosa de 1834 veio colther o conde da Figueira, como colther o paiz.

Mas com que firmeza, com que longanidade encarou S. Ex.ª o desastre publico e o particular!

Tinha immensas dividas, que contrahira, sómente, para o serviço do estado, e dedicou-se a solvel-as, apesar das difficuldades, que o rodeavam.

Terras, propriamente suas, baixellas, diamantes, quadros, preciosidades de varios generos, tudo foi sacrificado!

Elle descia do mais alto apogeu do fausto e da opulencia, para encerrar-se em uma quinta remota, e sujeitar-se ás

proporções modestas de uma penosa frugalidade.

Desde esse dia o homem de estado transformou-se no homem da familia. Para a familia só se resolveu a viver, embora guardasse no centro do coração as suas crenças politicas, que ninguém tinha mais puras, nem mais arreigadas.

Deixou a politica activa; mas, quando alguem acertava em lhe fallar n'esse assumpto, resplandecia nas suas palavras o cunho da rectidão e da elevada condura, que foram sempre o seu característico.

Ponderando com lucidez o que pôde e ha-de ser o futuro, apreciava com amargura, porém sem queixume, o nosso periodo de decadencia.

«Porque não escreve V. Ex.ª as suas memorias?» lhe perguntavam ás vezes. «Porque, ou havia de não dizer a verdade, ou ter de arguir a alguém.» Esta era a sua resposta.

Da passada grandeza nenhuma saudade tinha.

Toda a sua ambição era viver entre filhos e netos, educando-os, sorrindo-lhes, abençoando-os, com aquelle ar suave de um singello patriarcha.

Que nobreza de cãs! que distincção de figura! que modestia tão desaffecteda! que amabilidade para toda a gente, ou velha, ou moça, ou poderosa, ou humilde!

Ha tempos, que aquella existencia andava minada pela doença. Veio uma febre, e acabou-o.

Elle presentiu a morte; quiz-se apromptar para a receber, como um christão ardente, que era.

Pediú que o sacramentasse; resignou-se heroicamente; revelou desejos de ser lançado á valla dos pobres; e morreu, como vivera.

Sua Santidade o Papa Pio IX enviou-lhe a sua benção, duas horas antes de elle exalar o derradeiro alento.

Ajoelhemo-nos, pois, ante os despojos mortaes d'este verdadeiro justo.

O partido legitimista está, com razão, coberto de luto; e a sociedade pagou-lhe o ultimo tributo, concorrendo em um numero, de que não ha memoria, ao seu funeral.

Na occasião, em que o cadaver entrava no jazigo dos srs. marquezes de Penafiel, onde jaz interinamente, proferiu o sr. Marquez de Penalva um breve e sentido discurso, tornando-se o digno interprete dos sentimentos da sua classe e do seu gremio politico.

O conde da Figueira fez testamento; e ha n'elle um reflexo da sua alma e tambem da sua fé.

Depois de enviar a seus filhos a suprema expressão de um amor delicadissimo, e de prohibir toda a ostentação funebre, chegando a pedir que se lhe não fizessem, só por não dar incommodos á tropa, as honras militares, a que tivesse direito, conclue por estas palavras:

«Se em algum tempo, quizerem remunerar os meus serviços, deixei isso a meu neto Dom Luiz Machado.»

Oh! esse tempo virá; e o tenro neto saberá corresponder á grandeza da herança, tomando o exemplo do avô, e tambem o do honrado e virtuoso pae, Dom José Machado, cujo nome, na sua nobre simplicidade, vale mais aos olhos do publico, que todos os titulos e distincções sociaes.

Algumas palavras recitadas á beira da sepultura do Conde da Figueira.

Apagou-se, no livro dos vivos, o nome do Conde da Figueira, o respeitavel Decano da Aristocracia Portugueza! Não é, por certo, a idéa de fazer ostentação, e alarde de recursos oratorios, que, infelizmente, não possuo, nem é, tão pouco, a lisonja, que me obriga, n'este angustioso momento, a erguer a minha debil voz; e, o que valeria a lisonja na presença de um cadaver?! E', portanto unicamente, o cumprimento de um dever de gratidão, amizade, e respeito a tão venerando vulto, quem me impoz a obrigação de render esta homenagem á memoria do Conde da Figueira, e dizer o ultimo, doloroso, adeus, ao parente e amigo!... Senhores, a vida inteira do Conde, é um livro aberto, em que, todos, temos que aprender; não seja, por tanto, para nós, lição inutil, e aprendamos a ser qual foi o Conde da Figueira; Homem de um só parecer, de um só rosto, de uma só fé.

18 de março de 1872.

Marquez de Penalva.

Não ha de que ter medo!

Diziam os nossos adversarios politicos, e ainda o repetiu, ha pouco, a respeitavel matrona da Revolução de Setembro, que o partido legitimista ia diminuindo a olhos vistos, ou que mesmo estava tão definhado que cheirava a cadaver.

Naturalmente levámos o dedo ao nariz, como para espantar o mau cheiro, e viemos no conhecimento de que havíamos sido precipitados.

Havia sim mau cheiro, porém não a cadaver: era proveniente do resultado do susto dos nossos adversarios, que, esquecidos de que já nos haviam incovado, começaram nos seus jornaes a cantar, para espantar o medo.

Sim, digamos a palavra sacramental o medo.

Pois que outra coisa é, senão medo, as parvoçadas, que, acerca dos legitimistas, se estão lendo, nos jornaes do campo contrario?

Ou o que estamos lendo, todos os dias, em quasi todos os jornaes liberaes, é sério ou não.

Se não o é, é fraca brincadeira, no fim da quaresma.

Se fosse antes d'ella começar, ainda que era um gracejo de mau gosto, podia passar como invenção carnavalesca.

Se, porém, é sério, devemos confessar, que nos provoca o riso tanto medo, sem motivo algum para isso.

Só se os senhores liberaes sabem mais do que nos diz respeito, do que nós mesmos sabemos.

Talvez seja algum rebate, que lhes dê a consciencia, lembrando-se das boas obras, que fizeram, para plantar, entre nós, a frondosa arvore da liberdade.

Isto ao verem, como as coisas se encaminham, na Hispanha, e na França.

Não se assumem, que os legitimistas nunca foram conspiradores.

Deixaram essa tarefa aos seus adversarios politicos, que se incumbiram, pela sua intolerancia, e pelas loucuras que teem feito, e fazem todos os dias, de conspirar em nosso favor.

Demais d'isso, não sabemos, de que é que teem medo, tendo a liberdade ganhado tantas raizes, no paiz, sendo tão popular, e não havendo já legitimistas com villa, como nos estão dizendo, a todo o instante.

E demais a mais, tendo uns valentões, que já se curam em saude, e que magna voce, e com o cenho carregado, clamaram alli pelo Primeiro de Janeiro do Porto — que elles son poquitos, pero, que nos daran de palos tan fuertes, una tan tremenda palliza, que, n'estes cincoenta annos mais chegados, não seremos capazes de levantar cabeça.

Ora! e nós a pensar, que ficavamos d'esta vez sem cabeça?

Se lessemos com mais sangue frio, não havia motivo para nos assustarmos.

Os nossos adversarios, apenas, nos condemnaram, na supposição de que nós conspiramos; porém nós não conspiramos; logo escapamos á tranca do valentão, que nos ameaça no Janeiro.

Mas não eram estas as perlenças, com que pertidiam embair-nos, quando andavam, lá por fóra, pelas nações civilizadas.

Quando, por lá andavam, prometiam-nos o seculo d'ouro.

Agora ameaçam-nos, que se abrimos os olhos, nos ham-de dar uma lição, que nos hade lembrar, n'estes 50 annos, mais chegados.

Em vista d'esta nossa explicação, que é franca e leal, escusam de ter medo, podem dormir, a sonno solto, que nós não conspiramos contra tão bons senhores.

E até mesmo, por uma razão mui plausivel; porque, para conspirar, é preciso dinheiro, dinheiro, e mais dinheiro; e nós não o temos; que o que nos escapou das indemnisações, tem-no-lo levado com os tributos, e em passando os do sr. Fontes, ficamos á divina, mesmo a tocar ás almas.

Ora tenham juizo; e deixem-se de patuacadas, que já sam taludos para brincarem em danno de terceiro.

Vade retrò!

Em seguida reproduzimos, com a devida venia, do «Campeão das Provincias» d'Aveiro, o seguinte, que extraimos da sua correspondencia de Lisboa, para que se veja que aquelle illustre collega, comquanto militando em campo diverso, não engorda com calumnias, e faz justiça aos Legitimistas.

Eil-o:

«Ouvi que o governo se tem inquietado muito com isto, (quer dizer com o que dizem o Jornal do Commercio, Gazeta do Norte, Commercio do Porto etc.) mas, se é exacto, parece-me que não emprega bem o tempo, porque de boa fonte sei, que não tem fundamento o que se divulga, talvez por parte dos inimigos implacaveis dos legitimistas, para que logrem os desejados fructos; que é verem desenvolver novas perseguições contra as victimas da mais austera lealdade politica e que tem sido toda a vida escravos de suas profundas e inabalaveis convicções, que nunca se perturbaram, nem mesmo em face das mais atrozes desventuras.

O governo deve procurar os conspiradores em outros grupos, porque, por experiencia sabe, d'onde elles tem saído já por mais d'uma vez, e são de certo estes que, para encobrirem seus manejos tenebrosos, affastam com estes boatos as atenções dos poderes publicos para procedencia muito diversa. Concluo pois dizendo, que tudo isto não é senão obra de novelheiros.

Esboço biographico.

Por mais apagadas que pareçam as crenças publicas, ha na sociedade um instinetto, que a impelle a curvar-se, quasi insensivelmente, ante o symbolo da probidade.

Pôde ser-se indifferente a tudo, ainda aos mais deslumbrantes esplendores da fortuna; mas, quando passa o feretro, em que se encerram os restos do homem, que sempre nos moralisara com o seu exemplo, e nos soube edificar com o perfume de uma vida perfeita, a multidão pára, descobre a cabeça, inclina-se, e pronuncia a saudação do respeito!

E' isso o que, hoje, succede.

As numerosas pessoas de todas as classes e cores politicas, que ainda hontem corriam ás portas de um antigo palacio, a per-

Foguetes historicos.

Do nosso collega e correligionario a « Nação » transcrevemos com a devida venia os seguintes apontamentos, publicados por occasião dos festejos ao Imperador do Brazil D. Pedro II.

Feições do pae

A Historia do Brazil por Francis-o Solano Constancio, no Capitulo XXI que se intitula — Revolução do Brazil, Abdicção de D. Pedro a favor de seu filho D. Pedro II, diz o seguinte:

« Apenas D. Pedro se apoderou da auctoridade suprema, todas as pessoas que observavam de perto os seus actos, bem viam que os vicios do joven principe, fomentados pela vida dissoluta e sem freio em que tinha passado a adolescencia, e a falta de solida instrucção, eram obstaculos insuperaveis á acquisição dos requisitos de um Rei, e muito especialmente do fundador de um imperio. D. Pedro possuia concepção viva, audacia para commetter qualquer empreza, e sobeja dissimulação para encobrir os seus projectos; mas nem tinha talento para meditar e coordenar um plano, nem perseverança para o seguir com firme resolução. Todo o seu fito era brilhar, e a esse capricho sacrificava tudo. Despotia por inclinação e habito, criado entre miseros escravos, tyrannicos senhores, e vis corteãos, o primeiro impulso de D. Pedro foi sempre a violencia, e quando não podia vencer a resistencia, então recoria á astucia.

Aqui, á palavra violencia põe a seguinte nota:

« Entre muitos attentados committidos por D. Pedro, antes e depois de subir ao throno, contra diversas pessoas, e até contra mulheres solteiras e casadas, citaremos uma das expedições nocturnas que fez mascarado e acompanhado de dois valentes, contra um jornalista, cujo Diario continha artigos que lhe desagradavam. D'esta vez pagou o Imperador caro a patiscada; por quanto apagando-se as luzes, seguiu-se um conflicto em que elle recebeu uma forte contusão na testa com um castiçal.

Obrigações que os liberaes devem ao pae.

Encontra-se na Historia do Brazil por Constancio, tom. 2.º pag. 312, o seguinte:

«... mas que importava a D. Pedro a sorte de uma nação [refere-se a Portugal] que elle tinha tam indignamente trahido e vilipendiado? Póde até affirmar-se que para facilitar a execução de seus projectos liberticidas no Brazil, muito lhe convinha que D. Miguel assumisse o poder absoluto.

« E com effeito passa por certo que, quando recebeu a noticia de ter D. Miguel dissolvido as cõrtes, e abolido a Carta, exclamara, cheio de satisfação: Fez muito bem! »

Na mesma Historia, e no mesmo tom, pag. 406, e 407, lê-se:

« Nada caracteriza melhor a duplicidade e perfidia de D. Pedro, que a insidiosa intriga com que procurou forçar os desgraçados portuguezes refugiados em Inglaterra a partirem para o Brazil, onde elle os destinava a supprir o logar das tropas de mercenarios estrangeiros.

« A penuria a que se achavam reduzidos, e as instancias do gabinete inglez, para que tivessem de sair de Inglaterra, apoiadas pelo marquez de Barbacena, e pelo marquez de Palmella, não pareciam deixar outro arbitrio a estes infelizes.

« O acolhimento feito em França ao general Saldanha, e seus companheiros de infortunio mudou a face dos negocios, e aos poucos foram sabindo dos portos inglezes os refugiados para as ilhas dos Açores. D. Pedro tinha já feito vir de Inglaterra o armamento destinado aos Portuguezes que deviam ser organisados no Rio de Janeiro; mas quiz a sorte que este infame projecto se mallograsse. E' de notar que em todo o decurso da negociação relativa a D. Maria, D. Pedro não mostrou nem boa fé, nem dignidade, e ainda menos a energia necessaria. Nem sequer se prestou a garantir um empréstimo que facilitasse uma expedição contra D. Miguel; e não foi por falta de fundos, pois é bem sabido que este Principe tinha por sua severa economia ajuntado avultadas sommas, que ainda augmentava por especulações mercantis em que se interessava.

Ideia do caracter do pae

Na Historia do Brazil por Constancio lê-se, no 2.º vol. pag. 415, o que se segue:

« Chegou a tal ponto a convicção da impossibilidade de desempenhar com honra as funções de ministro, que no decurso de 1830 não achava D. Pedro quem quizesse acceitar este cargo, e José Bonifacio de Andrade a quem o imperador solicitou, lhe respondeu nós seguintes termos,

os quaes, se considerarmos as relações que haviam subsistido entre ambos, bastariam para dar uma justa idea do caracter de D. Pedro: De Vossa Magestade nem um copo d'agua accitarei.

Era um rapaz travesso o pae

A Historia do Brazil por Constancio, no tom. 2.º, pag. 416, diz, n'uma nota:

D. Pedro tinha lido em uma carta interceptada de Felisberto Caldeira Brant a um amigo, escripta de Londres em 1821, a seguinte phrase: Devemos servir-nos do rapaz travesso, e quando tivermos conseguido o nosso intento, desembaraçar-nos d'elle.

Ponho uma nota a esta nota:

O referido Felisberto Caldeira Brant foi depois feito por D. Pedro — Marquez de Barbacena.

Juizo do pae

A Historia de Constancio, 2.º volume paginas 418 diz:

« Antes de partir [D. Pedro] publicou uma proclamação em que fazia um pomposo elogio da Constituição, e dizia que seus inimigos espalhavam falsamente que elle estava mentecapto.

« Esta imprudente denegação fez suspeitar a muitos não ser de todo falsa a voz espalhada.

Já era amavel o pae

Lê-se na Historia do Brazil por Constancio, tomo 2.º, pagina 418:

« Os habitantes de Villa Rica, capital da Provincia [de Minas Geraes], se distinguiram particularmente n'esta occasião pela magnificencia e zelo com que festejaram os augustos viajantes. Se D. Pedro tivesse sabido aproveitar estas disposições, facil lhe teria sido recobrar a sua popularidade; mas em vez de ganhar os animos dos Mineiros, os indispoz tratando mal o presidente da Provincia, e retirando-se intempestivamente.

O exercito do pae, na hora extrema

A paginas 420, do 2.º volume da Historia do Brazil por Constancio, lê-se o seguinte:

« Pouco depois as tropas de guarda ao palacio de S. Christovão foram unir-se aos insurgentes, e D. Pedro se viu por fim inteiramente abandonado. Só um official e tres soldados se lhe conservaram fieis!

As luminarias ao pae

Diz a Historia do Brazil por Constancio, no tom. 2.º pag. 418 e 419:

« Durou a ausencia de D. Pedro mais de trez mezes... Fez a sua entrada no Rio de Janeiro a 12 de Março, e foi recebido com muita frieza...

« As poucas cascas que puzeram luminarias n'aquella noite, tiveram as vidraças quebradas pelo povo; o que deu logar a rixas, sendo varios individuos feridos e mortos.

REVISTA ESTRANGEIRA

Pio IX está prisioneiro no Vaticano, e a tranquillidade brilha-lhe no rosto.

Victor Emanuel é o seu carcereiro, reina sobre toda a Italia, e apesar d'isso, pungente espinho lhe espica o coração, e foge de viver em Roma, e não se atreve a olhar para o Vaticano.

Pio IX, assentado na pedra inabalavel, é procurado e visitado pelos protestantes, e até pelos seus proprios inimigos.

E' realmente admiravel vê-lo receber, todos os dias, os seus subditos, que continuam a consideral-o rei temporal, além de espiritual.

E a Victor Emanuel fogem-lhe os romanos, a quem só com a força material domina. E, nos dias festivos, precisa mandar vir romanos das extremidades da Italia.

Valeu-lhe a pena de chamar sobre si os anathemas da Igreja, e as maldições do universo para se chamar senhor de Roma, onde a medo dorme alguma noite, e vestido, recieando encontrar morte affrontosa e violenta, como lhe está vaticinado.

E, ao mesmo tempo, recebe Pio IX alegremente o gran-duque Miguel e sua Esposa, que são thios do Imperador da Russia, e a rainha do Wurtemberg, que tambem é irmã do mesmo imperador.

Elle está prisioneiro no Vaticano, e lá vae o imperador do Brazil importunal-o. com supplicas, a favor do rei-carcereiro, recebendo uma resposta negativa, emquanto não restituia o que o fez incorrer no 7.º mandamento da Lei de Deus.

Lá foi tambem o principe Frederico Carlos da Prussia, o vencedor de Sadowa, e de Metz, para obter uma reprehensão ao clero, e episcopado catholico d'Allemanha; porém achou tenacissima resistencia no Velho prisioneiro.

« Como heide reprehender o que merece louvor, lhe responde com a firmeza inabalavel: com que tem respondido non possumus a Napoleão pequeno, como Pio VII respondia o mesmo a Napoleão o grande, quando pediam os exigiã impossiveis.

E o archi-revolucionario Thiers está esquecido do que respondia no tempo do imperio, a quem o interrogava a respeito de Roma?

Quem come de Roma, morre! Quem alevanta a mão contra Roma, vae esmagar a cabeça, na pedra angular, em que está assente a cadeira de Pedro!

Estará esquecido do que escreveu na historia do consulado e do imperio?

Não estará lembrado de que escreveu que o Papa carecia do poder temporal, para exercer livremente o poder espiritual! E que a sociedade não podia existir sem este poder!

Estará deslembado de que nos fez conhecer, que Napoleão 1.º batia o pé encolerisado, dizendo que elle d'minava o mundo, porém só o homem materia; e que o homem espirito era completamente dominado por um velho (o Papa Pio VII), que não dispunha d'um só homem armado.

O mesmo se póde dizer hoje de Pio IX, porque os reis e os imperadores, os guerreiros e os conquistadores passaram, e morreram, e os Pontifices vivem e tornaram a subir ao solio, de que a força material os fez descer.

Pio VII regressava triunfante aos seus Estados ao passo que Napoleão, o conquistador da Europa, sabia do bojo d'uma nau ingleza, para o arido rochedo de Santa Helena, onde morria agrihoado e torturado por sir Hudson Lowe, seu carcereiro, como no Cancaco o Promoteu da fabula roido no coração por um abutre.

E Thiers sabe isto tudo; e torna-se inimigo de Pio IX, roja-se aos pés de Victor Emanuel, na pessoa de Fournier seu ministro, regeita as cem mil petições do povo francez, entre o folgar dos impios esquerditos da Assembléa, e a subservencia incrível dos da direita, que acabaram de se exautorar com este proceder.

Bem disse Pio IX, que preferia os communistas aos catholicos liberaes!

Nada de hypocritas, que é raça de voboras, como dizia Jesus Christo.

Não esperéis francezes coisa alguma da Assembléa; porque ella soffre as consequências fataes de todos os parlamentos e parlamentares.

E' ella como a Medea que diz: Video meliora proboque, deteriora sequor.

A França ainda não está sufficientemente castigada.

Tudo faz crer que não tardará, que o petroleo alumie, com seu clarão sinistro, a noite negra, que faz cerração na alma dos francezes.

O seu terreno de novo calcado pelo pé dos homens e dos cavallos estrangeiros, ensopar-se-ha no sangue dos francezes, até que curvando a cerviz orgulhosa ante um Deus vingador da innocencia e da moral offendida, levantar-se-ha da sua abjecção, e como no tempo de Joanna d'Arc, repelirá o estrangeiro, e tornará a assumir a sua posição gloriosa.

Terão desaparecido no entanto os Thiers, os Gambetas, os Blanquis, e os Orleans; porque Deus é justo.

Não é possivel que o verdugo seja o herdeiro da victima, e tão obcecados se acham os principes e os seus sequazes, que se póde dizer d'elles

Quos Deus vult perdere prius dementat.

No entanto, Pio IX continúa a ser visitado pelos reis, e pelos principes, que continuam a ir a Roma tributar os seus respeitoes ao representante do direito, que, embora guerreado pelos sectarios de Satanaz, permanece em pé, no meio das tempestades do mundo, podendo dizer, como o justo d'Horacio

Etsi elabatur orbis Impavidum ferient ruinae.

Recebeu primeiro o rei de Dinamarca e sua familia, que tão maltratado foi na guerra com a Prussia, e que elle consolou; o principe real da Saxonia, que é hoje um general da Prussia; o gran-duque de Baden, que se póde ter já por um dos grandes vassallos de Guilherme de Hohenzollern.

No dia 27, recebeu o principe de Gales e sua mulher, a quem tratou com a maior cordialidade, apesar de que havia apertado a mão a Garibaldi, quando o vampiro da Italia foi conduzido a Londres pela aristocracia ingleza.

Ella o pagará — o seu crime anti-social não ficará impune.

O monstro do Internacionalismo de Max, e o não menos terrivel do republicanismo de Dilk, talvez tenham aberto os olhos ao Principe, quando chegou a tocar nos umbraes da eternidade, e a prova é que foi a Roma; e que dos labios do Santo Anção ouviu expressões delicadas e carinhosas, sobre o seu restabelecimento, e da maior doçura, e as mais gratas para a Rainha Victoria, sua mãe, que tanto tem sympathisado com o successor de Pedro, e que tão benigna tem sido com os catho-

licos, podendo já calcular-se a proximidade do dia, em que bade a Igreja anglicana tornar a ser catholica romana, podendo dizer-se outra vez com S. Gregorio Magno, representado por Pio IX

Angeli et non Angli forent. Si christiani (catholici) essent.

O ministro Peruviano, tambem foi cumprimentar o Santo Padre da parte do seu governo.

E, na Belgica, o senado decidiu por 44 votos contra 6, que se conservasse um ministro junto de S. Santidade.

O Papa, recebendo uma deputação das sociedades catholicas de Roma, disse que a formação de tão grande numero de sociedades, sustentando os combates do Senhor, e animados d'uma santa emulação, lhe adoçava as suas amarguras.

« Nós os louvamos, accrescenton ainda, porque reúnem as suas forças para defenderem a fé, e manterem os direitos, e a liberdade da Igreja. Nós lhes ordenamos, que obedeçam ao ensino infallivel da Igreja, e que se submettam aos bispos, a fim de conservarem a integridade de sua fé, e de triunfarem dos erros dos maus. Nós esperamos que Deus mudará a sua cólera em misericordia, e que os maus reconhecerão que os fieis são protegidos pelo Ceo.

— Confirma-se que está consummado o tratado d'alliança Italo-Prussiana, e que a base fundamental d'esse tratado é — a guerra á Religião Catholica — que une os interesses das duas nações, como diz o «Times».

Victor Emanuel só com o protestantismo póde conter os catholicos, segundo lhe fazem crer, porque como não ha catholicos sem Papa, este, mais dia, menos dia, hade afugental-o de Roma.

A Prussia, como boa protestante que é, pretende supplantar o catholicismo por toda a parte, e para que não haja duvida alguma a seu respeito, o chanceller Bismark declarou, na camara alta, que a Prussia « era uma nação exclusivamente protestante ».

E o ministro da justiça Falk, por occasião de se querer estabelecer um Gymnasio catholico na Prussia occidental, declarou que nunca e em parte alguma, dos estados da Prussia, consentiria que se abrisse algum gymnasio catholico.

Mandou fechar varios estabelecimentos catholicos d'educação, no gram-ducado de Posen; e tambem diversos casinos catholicos, e prohibiu as missões em Kraupnitz.

Eis como na Prussia se intende a tolerancia, da parte do seu governo, que ainda não ha muito tempo elevava os catholicos ás nuvens, pelo seu patriotismo, por occasião da guerra com a França, e promettera aos bispos que, no fim d'essa guerra, protegeria o Papa contra Victor Emanuel.

Antigamente dizia-se entre nós — é protecção á franceza; agora dir-se-ha — é protecção á prussiana.

Depois do fim d'essa guerra, todo o procedimento do governo prussiano com a Igreja catholica, tem sido infame e traiçoeiro.

Mas que outra coisa devia esperar-se de protestantes, e ainda em cima mações?

Verdade seja que o Episcopado Catholico na Allemanha acha-se á altura da situação actual da Europa.

Não se intimida, cumpre com o seu dever, não é cão mudo, como o de certo paiz catholico, doutrina, aconselha, lucha contra os oppressores, que querem intrometer-se no regimen interno da Igreja, excommungando aquelles que não cumprem com os seus deveres de catholicos, e que negam a infallibilidade pontificia decretada pelo concilio do Vaticano.

Não consente ao protestante Bismark, e aos seus subajos, que faça regulamentos em materia dogmatica, e disciplinar.

ESTATUTOS

DA ASSOCIAÇÃO CATHOLICA

Fundada na cidade do Porto

TITULO VIII

Das fundos da Associação

(Continuação)

Art. 32.º As quantias que por qualquer d'estes meios se entregarem á Junta central ou ás filiaes, entrarão nas respectivas caixas a cargo do Thesoureiro das mesmas.

Art. 33.º Das quantias que por qualquer meio derem entrada nas caixas das Juntas filiaes, se deduzirão 20 por cento que estas terão sempre como fundo de reserva á disposição da Junta central.

Do resto disporão livremente para despesas adequadas ao fim e objectos da Associação na respectiva localidade, mas tendo todo o cuidado de que taes despesas não excedam a receita certa.

Art. 34.º A Junta central dispõe dos fundos que juntar pelos meios expressos, ou por outros quaesquer; sendo sua obrigação satisfazer ao deficit imprevisito de qualquer das Juntas filiaes, conforme poder e julgar conveniente.

Art. 35.º Como regra geral, á carida-

de de todas as Juntas da Associação, e á unidade do seu fim e objectos em todo o reino, compete auxiliarem-se mutuamente, na proporção dos seus respectivos recursos e attenções, prudentemente ajustadas sempre a elles.

Art. 36.º Os Thesoureiros de cada Junta terão o respectivo livro de caixa sempre com tal regularidade, que a toda a hora possam informar exactamente do estado dos fundos os membros da Associação que lh'o peçam.

§ unico. Ao Thesoureiro da Junta central incumbe tanto mais esta obrigação, quanto é elle quem ha de organizar as informações para dar a toda a Associação, ao publico e á competente auctoridade, a conta geral da mesma Associação.

TITULO IX

Das festividades da Associação

Art. 37.º A Associação, quando tiver meios sufficientes, celebrará a Immaculada Conceição da Santissima Virgem, sua Padroeira, com uma modesta funcção no dia 8 de Dezembro de cada anno, ou em qualquer dia dos da oitava.

§ 1.º Em todos os povos onde existir a Associação, os membros d'ella assistirão á sua festividades.

§ 2.º No dia em que se realise a festa, haverá communhão geral para os socios que quizerem approximar-se á Sagrada Meza. Em todo o caso, orarão n'este dia pelas necessidades da Igreja e do Estado, e fins da Associação.

§ 3.º Quando a Associação não tenha recursos para celebrar por si a festividades, poderá concorrer com seu auxilio para a que se faça em alguma egreja da localidade, assistindo a ella os associados, e praticando as obras de que falla o § precedente.

§ 4.º Recommenda-se aos associados a assistencia ás outras festividades principais da Virgem Mãe de Deus, Natividade, Anunciação, Purificação e Assumpção, e a pratica n'esses dias de obras espirituales.

Art. 38.º Na primeira sexta-feira posterior á Commemoração dos Fieis Defunctos, haverá em todos os povos onde exista a Associação uma missa com communhão geral voluntaria, pelo descanço eterno dos socios fallecidos.

TITULO X

Disposições geraes e penas

Art. 39.º Todas as Juntas se sujeitam aos presentes Estatutos, em todo o que diz respeito ao seu regimen interno.

§ unico. Poderão além d'isso fazer regulamentos particulares para as obras especiaes que apóiem, sempre que os das Juntas filiaes mereçam a approvação da central.

Art. 40.º A Junta central, ouvindo as filiaes, póde, quando o julgue conveniente, propôr a reforma dos presentes Estatutos em assembléa geral. Neste caso deve haver approvação da auctoridade competente.

Art. 41.º A Associação recommenda ao zelo religioso e á delicadeza dos seus membros o cumprimento de seus respectivos compromissos.

Se porém algum socio, pelo seu reprehensivel comportamento, ou por actos em manifesta opposição com o fim e objectos da Associação, se tornar indigno de pertencer a ella, poderá ser riscado da lista pela respectiva Junta, ficando-lhe sempre o direito de justificar-se perante ella.

§ unico. O socio riscado pela Junta terá direito de appellação para a assembléa geral, requerendo ser n'ella ouvido na primeira sessão. (Continúa)

SECÇÃO NOTICIOSA

Sympathias de Pio IX pela Inglaterra. — Lê-se n'um telegramma o seguinte:

Roma 27 — O Papa concedeu esta manhã uma longa e cordial audiencia ao principe e princeza de Gales. Sua Santidade disse que estava muito agradecido á rainha Victoria pelas constantes provas de sympathia que lhe dava, e pelas attenções que dispensava aos catholicos, e louvou o espirito religioso do povo inglez.

Fruetos das leis modernas. — Pela procuradoria regia foi expedida ordem aos diferentes juizes para enviarem ao ministerio da justiça nota dos divorcios, nos tres annos anteriores ao código civil e do anno posterior.

O numero dos divorcios depois da publicação do código é effectivamente muito maior, em proporção, do que nos annos anteriores.

Já foi julgado o processo de divorcio dos srs. marquezes de Vallada.

O sr. marquez fica obrigado a dar 2:000\$000 reis á sr.ª marquez de Vallada, como arrhas, e a pensão annual de 1:200\$000 reis e 600\$000 reis a cada um dos filhos.

A festa de Santo Adriaõ. — Por causa da chuva não sahio como era de costume o cerco de Santo Adriaõ, nos srs. burbios d'esta cidade. Resolveram por isso, os illustres festeiros transferir a festa para o dia 7 do corrente. Oxalá que tempo esteja bom, pois é um bello entretemen-

Conversão d'um protestante ao Catholicismo — Acaba de entrar no gremio da igreja catholica um pastor protestante.

A cerimonia da abjuração realiso-se na igreja de San Estephano em New-York, que estava cheia de curiosos filiados em todas as seitas religiosas.

Depois de uma longa oração do padre Clyn, que explicou o credo da igreja catholica romana, mr. Bradley aproximou-se do altar, e, com a mão estendida sobre a Biblia, fez profissão publica denova fé, na forma ordinaria, declarando que renunciava a todas as doutrinas ou crenças hereticas que tinha seguido até então, e jurando solemnemente permanecer fiel á igreja catholica com o auxilio de Deus.

Em seguida o padre Clyn ministrou o baptismo condicional ao neophyto.

A cerimonia terminou pela absolvição e communhão dada ao ex-protestante.

Um monumento aos Zuavos Pontificios. — Diz um excellente Jornal de Paris o «Universo» que no dia 16 a commissão encarregada de fazer erigir o monumento em Loigny em memoria dos zuavos pontificios e dos outros soldados francezes, mortos em 2 de Dezembro de 1870, adoptou definitivamente os planos da reconstrução da Igreja.

Os subscriptores sabem que se trata de reconstruir a pobre Igreja de Loigny, e de a collocar sob a invocação do Sagrado Coração, de alli reunir as ossadas dos heroes que morreram pela patria, e d'erigir um monumento commemorativo, que recorde, á piedade catholica, os seus nomes e a sua dedicação.

Journal de Agricultura Pratica. — Recebemos e agradecemos o 1.º e 2.º numero do 6.º anno d'este jornal, cujo proprietario e redactor é D. Miguel Menezes de Alarcão.

Contém muitos e interessantes artigos sobre a nossa agricultura; e traz um remedio para curar radicalmente o Carbunculo; o qual abaixo transcrevemos com a devida venia.

Cura radical do carbunculo. — Extrahimos hoje da excellente chronica do Agronomie, o complemento do que sobre carbunculo haviamos antecedermente reproduzido. Aquella folha diz agora o seguinte:

«Tinhámos annunciado aos nossos leitores, em uma de nossas precedentes chronicas, que se achára o meio de se curar o carbunculo, molestia considerada até hoje como mortal.

O sr. dr. Déclat, author d'esta descoberta, dirigiu em 2 de outubro ultimo, á academia das sciencia de Paris, uma communicação da qual resulta que toda a pessoa, mesmo extranha á medicina, poderá d'aqui em diante salvar da morte os desgraçados que tenham a pustula maligna ou o carbunculo do homem.

O especifico revelado pelo dr. Déclat consiste em um novo emprego do acido phenico, que elle experimentava, havia tempos, e cujos resultados, hoje confirmados por factos numerosos, não permittem duvida a respeito de sua efficacia.

Para evitar apalpadellas inseparaveis de toda a medicacão nova, o sr. dr. Déclat julgou saber resumir nas quatro proposições seguintes, que encontramos no Journal d'agriculture progressive, o tratamento pelo seu methodo na pustula maligna do homem.

1.º Cauterisação vigorosa das pustulas pelo acido phenico puro ou dissolvido em algumas gotas de alcool. Um pincel pequeno é convenientissimo para operar esta cauterisação;

2.º Applicação continua sobre a chaga da agua phenica applicada na razão de 3, 4 ou 5 de acido por 100 de agua commum;

3.º De 5 a 10 colheres de sopa de xarope de acido phenico puro, crystallisado a branco e com 10 centigrammas por colher. Estas colheres são tomadas no espaço de 24 horas, uma por uma, com algumas horas de intervalo;

4.º Emlim, injección sub-cutanea de 100 a 200 gotas, em duas ou quatro injeções, de agua phenisada a um e meio de acido por 100 de agua. Estas injeções só são indispensaveis nos cazos em que a pustula maligna já determinou alguns symptommas geraes.

Uma commissão, chamada a pronunciar-se sobre a preciosa descoberta do dr. Déclat, foi nomeada pela Academia; e é composta dos srs. Pasteur, Bouley e Boussingault.

Esperamos que o seu relatório se não demorará.

N'um proximo numero daremos conhecimento, segundo o sr. P. Renaud, do modo de applicação do acido phenico aos animaes carbunculosos.

Ultima resolução dos deputados monarchicos em Franca. — Numa correspondencia de Paris, publicada na «Nação» lê-se que os 300 deputados que assignaram o manifesto monarchico, e posso affirmar-o d'uma maneira positiva, estão preparados para qualquer eventualidade, e se m e fóra licito indicar a cidade que está designada para se reunirem os signatarios, e com a cooperação do exercito proclamar a uonancia e constituir a nação, poderia comprehendendo-se tudo; mas prefiro o silencio a

indiscripções que poderiam ser perigosas. Basta, por hoje dizer que isto que ali está vaedezapparecer.

Oração funebre. — Agradecemos ao rev.º Francisco da Silva Figueira, prior da Ajuda, um exemplar da sua Oração funebre recitada nas solemnes exequias que em 1870, brazileiros e portuguezes mandaram celebrar na Igreja Parochial de Nossa Senhora da Encarnação de Lisboa, pelos que pereceram na Campanha do Paraguay.

A Fada d'Anteuil. — Publicou-se o 4.º volume da «Fada d'Anteuil», traducção de Pinheiro Chagas.

Agradecemos o exemplar com que a empreza da Bibliotheca do Viajante brindou esta redacção.

O Anniversario natalicio de Victor Manuel. — Deu-se um jantar, na legação italiana, para solemnizar os annos de Victor Manuel. — Assistiram o ministro dos estrangeiros mr. Rémusat, e todos os embaixadores estrangeiros residentes em Franca, exceptuando os de Portugal, dos Estados-Unidos e da Suecia. O novo ministro da republica franceza junto ao rei de Italia, mr. Fournier, tambem não assistiu. Não houve saudades.

EXPEDIENTE

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.º snr. J. A. no escriptorio do jornal a Nação, na rua do Bem Formoso.

Em Coimbra, o exm.º snr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No Porto, o ill.º sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Na Covilhã, o illm.º snr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Vianna, o illm.º snr. Luiz Francisco Pereira, rua da Picota.

Em Guimarães o illm.º Snr. Antonio Peixoto de Mattos Chaves, rua Nova.

Em Lamego, o illm.º snr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio ao administrador d'este jornal o snr. Joaquim José Vieira da Rocha, rua do Souto n.º 41.

ANNUNCIOS

Neste novo estabelecimento encontram-se um variado sortimento de livros de missa de diferentes encadernações, livros de devoções e obras scientificas de muitos escriptores catholicos.

Além disso tem á venda um variado sortimento de estampas e legños de bonitos gostos, medalhas e muitos outros objectos religiosos.

No mesmo estabelecimento recebem-se commissões de livros que não desdigam do caracter da Livraria.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Catholica, na rua do Souto em Braga.

VENDA DE FOROS

Vendem-se 51 medidas de pão meado, sendo umas de natureza censuaria, e outras de praso, impostas em propriedades, situadas nas freguezias de S. Julião de Passos, Santa Maria de Ferreiros e Martim, pertencentes ao ex.º José Correia de Mello da Silveira, da casa da Soeima.

Acha-se encarregado d'esta venda João Ferreira Torres, morador na rua de D. Gualdim n.º 20, ou no escriptorio do conselheiro Torres e Almeida, aonde se acha empregado. (57)

BEINXOFERRE MOIDO E EM PEDRA. Vendese no estabelecimento de Manoel Ignacio da Silva Braga na Praça d'Alegria anexo Campo das Hortas n.º 11. Garante-se a boa qualidade.

A EUROPA EM 1848, ou CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORGANISAÇÃO DO TRABALHO O COMMUNISMO E O CHRISTIANISMO PELO P. GAUME Vigario Geral da Diocese de Nevers, Cavalleiro da Ordem de S. Silvestre, etc. TRADUÇÃO DE M. de C. Com — duas palavras de prologo — pelo P. M. J. Pereira.

Acha-se á venda, esta obra, em casa do Editor, Largo de S. Francisco n.º 6, na Livraria Catholica, na de Germano Joaquim Barreto, Rua do Souto, e na de E. Chardron, Largo de S. Francisco, Braga. Preço . . . . . 200 rs.

MUITA ATENÇÃO

A Fabrica da Fundição do Ouro, na cidade do Porto, é sem duvida a que tem até hoje apresentado melhores aparelhos hydraulicos, tanto em qualidade, como em preços, para as grandes e pequenas necessidades d'agricultura; e como prova em parte, offerece ao exame publico, o attestado que abaixo segue, e os aparelhos que se acham collocados no Horto Agricola, e nas propriedades dos ex.ºs snrs. doutores Manoel Joaquim Alves Passos e João Barboza de Magalhaens Mendonça, na cidade de Braga.

Porto 5 de Janeiro de 1872. Luiz Ferreira de Souza Cruz.

Eu infra assignado proprietario, residente em Abrantes

Certifico que o snr. Luiz Ferreira de Souza Cruz proprietario da fabrica de fundição do Ouro, mandou montar na minha quinta, denominada Valle da Louza, situada no concelho do Sardeal, um estancario de patente com bomba n.º 4, e engenho de 4 e meia voltas com camara d'ar, absorvendo a agua a altura de seis metros e puxando-a a sessenta e seis com a força de uma mula no 1.º mez de trabalho, e actualmente bastando a de um jumento.

Este engenho nada deixa a desejar, funciona com pouca força, muita facilidade dando-me o melhor resultado, já na quantidade de agua que tira e eleva, e já finalmente em economia, por isso que não demanda as continuadas despezas dos antigos engenhos, é de facil concerto, qualquer desarranjo que soffra. — Para satisfacção do snr. Cruz, espontaneamente, passo o presente que assigno.

Abrantes 4 de setembro de 1871.

No lugar do Sello Francisco Rodrigues de Abreu.

4 de setembro de 1871.

Reconheço ser do proprio a assignatura supra.—Abrantes 4 de setembro de 1871. O Tabellião José da Silva Roza.

(51)

O baile de mascarar que tinha de ser no domingo 31 de Março ficou transferido para domingo 7 de Abril.

DINHEIRO A JUROS

Na confraria do Santissimo Sacramento da freguezia de S. Pedro de Maximinos, ha para dar a juros de 5 por cento a quantia de 200\$000 rs. Quem a pertender pôde dirigir seus requerimentos á meza da mesma confraria.

Na Livraria Internacional d'Eugenio Chardron encontra-se o

GABINETE DE LEITURA

1:000 VOLUMES Condições da assignatura 1 mez . . . . . 500 réis 6 mezes . . . . . 1:800 » 1 anno . . . . . 4:600 » O catalogo é remetido a quem o pedir

Na mesma livraria:

Seavini, Theologia moralis 4 vol. 3\$200 Senac, Christianisme e civilisation 2 » 1\$ 00 Bouvier, Institutiones theologice 6 » 3\$200 Ventura, Enai sur le pouvoir public 1 » 1\$40 Senral, Sermões 1 » 1\$000 Soares Franco, Pregador Catholico 1 » 1\$000 Gaume, Para onze ramos 1 » 400 Certeza do fim proximo do mundo 1 » 200

A venda na Livraria Catholica rua do Souto, Braga; e na Livraria d'Eugenio Chardron, Braga.

As Flores dos Santos, actas dos santos martyres traduzidas sobre documentos originaes, recolhidos por Santo Ambrosio, Santo Agostinho e outros, com um compendio da historia romana em tudo o que diz respeito á epocha das perseguicões e um appendice do panegyrico dos Martyres, por J. B. de S. Victor. Obra publicada com licença do snr. bispo do Porto. 1 vol. 4. grande de 336 paginas . . . 800

A Franc-maconeria em si mesma e em suas relações com as outras sociedades secretas da Europa, principalmente com o carbonarismo italiano, pelo padre Cyr. 2 vol. 8.º francez . . . . . 1\$000

Vida de Jesus Christo per L. Veuillot 1 vol. em 12.º . . . . . 400

Exercicio de perfeição e doutrina espiritual para extinguir vicios e adquirir virtudes, do padre Alfonso Rodrigues da companhia de Jesus, 1 vol. de 520 pag. 200

Bibliotheca da Juventude Christã: Ignez 1 vol. 12.º . . . . . 120 Geneveva 1 vol. em 12.º . . . . . 120 Eustachio 1 vol. em 12.º . . . . . 120

Os Franc-maçons o que são, o que fazem e o que querem, por Mr. de Ségur, 2.ª edição portugueza, traduzida da 7.ª edição franceza, 1 v. . . . . 80

Conferencias pronunciadas na igreja de Jesus em Roma pelo padre Passaglia, 1 vol. . . . . 160

Direcção para socegar nas suas duvidas as almas timoratas pelo R. Quadrupani, Bernabini, traduzido por João Joaquim d'Almeida Braga. 1 vol. em 12.º . . . 80

Tratado dos Sacramentos in genere et specie, disposto na melhor ordem e possível clareza pelo theologo Antonio d'Assenção Oliveira, 1 vol. em 8.º . . . 500

Obras poeticas de José Agostinho de Macedo, 6 vol. contendo: O oriente—A natureza—A meditação—Newton — Viagem estatica ao templo da sabedoria e a biographia do auctor 6 vol. em 8.º . 1\$440.

Devoção das Dores da Virgem Mãe de Deus, pelo Bispo d'Angola, 1 vol. em 12.º . . . . . 100

Acaba de sahir á luz: Quadrupani, Direcção para viver christamente, 1 vol. em 12.º . . . . . 80 rs.

Aos ecclesiasticos e a todos os bons christãos

Acaba de sahir á luz: Explicação Literal e Moral das Epistolas e Evangelho dos domingos e principaes festas do anno, das ferias do advento e de todos os dias da quaresma, com noções liturgicas em que se expõe a razão e as origens das principaes ceremonias da Igreja Catholica, precedida d'uma exposição apologetica dos dogmas da Igreja, pelo padre A. Guillois, traduzido da 4.ª edição por Antonio Moreira Bello.

Dous volumes in-4.º cada um de 400 paginas . . . . . 1\$500

A obra é precedida de uma luminosa exposição apologetica da doutrina catholica e enriquecida nos logares convenientes com extensas reflexões practicas.

E' um livro muito proprio para edificar as almas e esclarecel-as, pela solidez das explicações, pela utilidade das reflexões practicas, e finalmente pela unção das orações que encerra, segundo a opinião do Sr. Bispo de Chartez; livro cuja leitura «é propria para alimentar e esclarecer a piedade», conforme o parecer do Sr. Arcebispo de Bordeus.

Não só recommendamos a sua aquisição aos snrs. ecclesiasticos, a quem será de grande auxilio para as instrucções doutrinaes, mas pedimos-lhes o especial favor de a recommendarem tambem aos seus parochianos

A obra supra, e todas as do incluso catalogo serão remetidas franco sem augmento de preço, a quem enviar a sua importancia em estampilhas de 25 rs. ou em valles do correio.

OBRA MORAL E RELIGIOSA

Philosophia da internacional, por A. Delaporte, versão portugueza por M. J. de Mesquita Pimentel.

Preço por assignatura 200 rs. Vendese na Livraria Catholica n'esta cidade e no Porto na Livraria do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua d'Almada

Congresso Catholico na cidade do Porto

Discursos ali pronunciados pelos snrs:

Padre Brus. . . . . 60 réis Mesquita Pimentel. . . . . 60 » Visconde d'Azevedo. . . . . 100 » Prior de Salreu. . . . . 100 » Tcdos juntos por. . . . . 250 » Vendem-se em Braga na Livraria Catholica, rua do Souto n.º 39.

Procurações

Vendem-se na Livraria Catholica.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ORAÇÃO GRATULATORIA

NA

Celebração

DO

Vigésimo quinto Anniversario Pontificio

DE

SUA SANTIDADE PIO IX

Recitada

NA

Parochial igreja de Silvares, Matriz de Louzada, em 25 de Junho de 1871, POR

José Ferreira Marnôco e Souza,

Abade de Souzella e Arcipreste de Barrozas.

Vende-se por 200 rs. em casa do administrador deste jornal, o snr. Joaquim Vieira da Rocha, Rua do Souto n.º 41.

O producto d'esta oração é applicado para as necessidades temporaes de Sua Santidade.

Tambem se acha á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Coimbra, Porto, Guimarães, Vianna, etc.

Vida do Nosso Ss. Padre Pio IX

POR

M. VENET.

—

VERSÃO POR

M. F. M. e Souza.

Vende-se por 6º reis, na Livraria Catholica, rua do Souto, e na livraria de E. Chardron.

BREVE COMPENDIO

DE

ORAÇÕES E DEVOÇÕES

ADOPTADAS PELOS MISSIONARIOS,

TERCEIRA EDIÇÃO

Muito mais augmentada, particularmente com novas meditações e orações, e outras orações para a Missa nas principaes festividades, e algumas novas com indulgencias concedidas posteriormente á ultima Raccolta.

Com approvação de S. Ex.ª Rev.ª. Vendese em Braga, na rua Nova n.º 3, e na Livraria Catholica.

Preço 120 rs.

EDITOR

M. J. V. da Rocha.